



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 **Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica**
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 **O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória**
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 **Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa**
Mariana Santos
- 2069 **A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade**
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 **Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?**
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 **Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte**
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 **Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface**
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 **“Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História**
Sara Brito
- 2125 **“Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia**
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 **O ensino da Arqueologia em Portugal**
Jacinta Bugalhão
- 2149 **O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema**
Ana Cristina Martins
- 2161 **Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego**
António Batarda Fernandes
- 2177 **Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica**
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 **Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses**
Ivo Santos
- 2199 **A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos**
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 **A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica**
Gertrudes Branco
- 2223 **IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos**
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 **O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino**
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

OS SEIXOS INCISOS DA IDADE DO FERRO DE SÃO CORNÉLIO (SABUGAL, ALTO CÔA)

Luís Luís¹, Marcos Osório², André Tomás Santos³, Anna Lígia Vitale⁴, Raquel Vilaça⁵

RESUMO

Entre os sítios proto-históricos do Alto Côa destaca-se o monte de São Cornélio, pela sua altimetria, possuindo uma posição dominante e de amplo controlo visual da paisagem envolvente, sendo também o único povoado da região onde se conservam duas linhas de muralhas. Em 2021/2022, num quadro de minimização de impacto da colocação de uma torre de videovigilância de incêndios, foi alvo da realização de sondagens que identificaram três construções pétreas de configuração subcircular. No interior da estrutura 2 recolheu-se cerâmica com a característica decoração *a peine*, de tipo Cogotas II, bem como quatro seixos, três dos quais têm a particularidade de apresentarem incisões de natureza e compreensão diversa. Neste trabalho os autores apresentam o estudo desses seixos, sugerindo diversas possibilidades interpretativas alicerçadas nas características tecnológicas dos traços.

Palavras-chave: Beira Interior (Portugal); Alto Côa; Idade do Ferro; Artefactos líticos.

ABSTRACT

Among the protohistoric sites in the Alto Côa, the São Cornélio hill stands out for its altitude, its dominant position and ample visual control of the surrounding landscape. It is also the only settlement in the region where two lines of walls are preserved. In 2021/2022, as part of the minimization of the impact of the installation of a video surveillance tower for fires, three stone constructions of subcircular configuration were identified. Inside structure 2, Cogotas II ceramics with *peine* decoration were found, as well as four pebbles, three of which presented incisions of different nature and understanding. In this work the authors present the study of these pebbles, proposing various interpretative possibilities based on the technological characteristics of the marks.

Keywords: Beira Interior (Portugal); Alto Côa; Iron Age; Lithic artefacts.

1. INTRODUÇÃO

O conhecimento da Idade do Ferro no Alto Côa carece ainda de pilares seguros sobre a sua estruturação crono-cultural e ritmos de desenvolvimento ao longo do I milénio a.C., em concreto entre os séculos VIII/VII e os séculos III/II a.C. Dos sítios proto-históricos da região que poderão contribuir para um melhor conhecimento deste período, com base em evidências empíricas, destaca-se o monte de São Cornélio. De há muito referido na bibliografia da

especialidade e, nos últimos anos, alvo de diversos estudos no âmbito da arqueologia do povoamento (Osório *et al.*, 2015; Osório, 2021), só recentemente foi alvo de sondagens que permitiram contextualizar de modo mais fundamentado os seus vestígios. A intervenção realizada nesta estação arqueológica em 2021/2022⁶ para minimizar o impacto da colocação de uma torre de videovigilância de incêndios, permitiu identificar três estruturas pétreas de configuração subcircular, construídas com blocos de grandes dimensões e pedras mais pequenas, assen-

1. Fundação Côa Parque. UNIARQ / luisluis@arte-coa.pt

2. Município do Sabugal. CEAACP / arkmarcos@hotmail.com

3. Fundação Côa Parque. UNIARQ / andresantos@arte-coa.pt

4. Mestranda em Arqueologia e Território da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / vitaleannaligia@gmail.com

5. Instituto de Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. CEAACP / rvilaca@fl.uc.pt

6. Intervenção da responsabilidade do Município do Sabugal em articulação com o Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra.

tando por vezes nos afloramentos semiafeiçãoados. Na estrutura 2 (Sector I) recolheram-se quatro seixos, três dos quais possuem traços incisos. O objetivo deste contributo é dar a conhecer esses artefactos, valorizando-os simultaneamente através de um estudo que combina uma análise macroscópica com recurso a lupa binocular, decalque direto e com base em registo fotográfico.

2. CONTEXTO GEOGRÁFICO E ARQUEOLÓGICO

O monte de São Cornélio situa-se na freguesia de Sortelha, concelho do Sabugal (Fig. 1), sendo assinalado na carta militar nº 226 (1:25.000), com as coordenadas geográficas de Latitude 40°21'03.40" N e Longitude 7°10'43.54" O (Greenwich).

Constitui uma saliência topográfica de fisionomia destacada pelo seu vértice geodésico com 1008 m de altitude, detendo amplo controlo visual da paisagem (Fig. 2A) (Ribeiro, 1949, p. 35; Teixeira *et al.*, 1965, p. 8) e constituindo a divisória entre a bacia hidrográfica do Douro e a do Tejo.

Do ponto de vista litológico, o sítio integra-se na grande mancha do granito das Beiras, caracterizado pela sua natureza não porfíroide, de grão médio a fino (Teixeira *et al.*, 1965, p. 17), existindo alguns filões quartzíticos e diversas faixas corneanas anfibólicas, nas imediações, bem como duas enormes manchas de aplitos pegmatíticos, ricos em mineralizações de estanho e volfrâmio (Teixeira *et al.*, 1965, pp. 20-21). Os terrenos da estação arqueológica possuem escasso potencial estratigráfico, estando revestidos de penedos e lajes graníticas, com vegetação rasteira e giestas, tendo sido anteriormente cultivados.

A ocupação proto-histórica deu preferência às plataformas da encosta ocidental e meridional, onde se observam os derrubes de duas muralhas curvilíneas. A primeira linha defensiva contorna o povoado do lado norte e oriental, onde se abre a porta principal do recinto, fechando a plataforma habitada. A segunda linha defensiva delimita um socalco interior, a meia encosta, virado a nascente (Fig. 2B).

Os primeiros trabalhos de prospeção arqueológica permitiram identificar os indicadores materiais que dataram o sítio da Idade do Ferro (Vilaça, 1995, pp. 92 e 124, nota 15), tendo sido desenhada igualmente a planta das suas cercas defensivas (Osório, 2005, pp. 38 e 51; Osório, 2009, pp. 98, 101, 103, 108-110; Osório *et al.*, 2015).

3. TRABALHOS REALIZADOS E LOCALIZAÇÃO DOS ACHADOS

Na planificação dos trabalhos arqueológicos no sítio do São Cornélio foram definidos dois distintos sectores de intervenção, onde foram realizadas escavações arqueológicas.

O sector I corresponde ao patamar a meia altura, entre o marco geodésico do topo e a plataforma de maior extensão de vestígios, em baixo, delimitado pelo segundo alinhamento de muralhas que fecha esse terço natural de apenas 1200 m² de área (Fig. 2B).

Nesse sector foram abertas duas sondagens, incidindo nos alinhamentos pétreos visíveis à superfície.

A sondagem 2 foi aberta 20 m para norte da sondagem 1, possibilitando a identificação de uma segunda construção circular mais complexa – a estrutura 2 – composta por dois alinhamentos concêntricos que definem uma construção que não é completamente fechada, a oeste (Fig. 3).

Os muros são feitos de pedra de granito de média e grande dimensão, por vezes ciclópica, de faces mal definidas, encontrando-se praticamente ao nível da fiada que assenta sobre os afloramentos rochosos.

No interior desses alinhamentos pétreos concêntricos foram identificadas pequenas estruturas ocupacionais, nomeadamente um piso de barro cozido (70x75 cm) e um outro empedrado de planta subretangular (100x80 cm), composto por pedras de tamanho pequeno, justapostas e niveladas, sobre o qual assentou um lastro de barro cozido. A ladear estas estruturas encontravam-se três blocos de granito afeiçãoados.

A presença destes pisos e empedrados, associados a três buracos de poste estruturados, colocam a hipótese de estarmos perante uma estrutura de cariz especificamente doméstico, mas não devemos fechar outras possibilidades, de funcionalidade ritual ou comunitária.

Os indicadores cronológicos são ainda insuficientes para nos permitir datar estas estruturas com rigor, mas a sua cronologia parece enquadrar-se em meados do I milénio a.C.

As peças 1, 2 e 4 provêm do espaço compreendido entre os dois anéis de paredes colocadas à vista, que corresponde à unidade estratigráfica 6 (Figs. 3 e 4B). A peça 3 foi descoberta na unidade estratigráfica 4, que corresponde ao nível térreo de ocupação do interior do espaço construído, na área do piso e dos empedrados, a 4 m de distância para sudoeste das

restantes (Figs. 3 e 4A), e está associada a algumas cerâmicas, nomeadamente a um bojo decorado com motivos penteados ondulados.

A peça 3 encontrava-se isolada e rodeada de diversas pedras de derrube e remeximento interior da estrutura subcircular, enquanto as peças 2 e 4 estavam juntas (Fig. 4), a cerca de 80 cm para sul da peça 1 (Fig. 3). As peças 2 e 3 estavam dispostas no solo com a parte gravada virada para cima.

4. ESTUDO DAS PEÇAS

4.1. Metodologia de registo

As três peças em estudo apresentam características morfológicas diversas, o que nos levou a adotar dois métodos de registo diferentes.

Assim, as incisões presentes nas peças 2 (Fig. 6) e 3 (Fig. 7), cujas superfícies são *grosso modo* planas, foram registadas mediante decalque direto. Este passou pela aposição de uma folha de plástico de cristal transparente sobre as superfícies incisadas. Os limites exteriores da peça foram delineados com caneta vermelha de ponta M, tendo os limites da superfície e fissuras mais relevantes sido definidos com caneta vermelha de ponta F. As incisões foram registadas com caneta preta de ponta S. Para melhor se visualizar os traços, este trabalho foi executado com luz rasante, que se foi reorientando, consoante as necessidades, ao longo do processo.

Os decalques foram em seguida digitalizados e vetorizados em programa informático apropriado.

A peça 1 (Fig. 5), porque apresenta as incisões em faces de morfologia cilíndrica, foi registada mediante decalque sobre fotografia. As peças foram primeiramente fotografadas. No caso da peça 1, a máquina fotográfica manteve-se fixa e foram tiradas diversas fotografias com a luz provindo de várias direções. Foram tiradas 22 fotografias de um dos lados e 14 do outro. Como a máquina estava fixa, todas estas fotos se sobrepunham de forma absolutamente integrada entre si. Isto permitiu efetuar o decalque em programa de desenho, utilizando para tal todas as fotografias de cada um dos lados, cada uma delas com diferentes grupos de incisões destacados pela direccionalidade da luz.

Foram ainda desenhadas secções de todas as peças, assim como obtidas fotografias com iluminação adequada à sua visualização global.

4.2. Descrição das peças

Peça 1

Trata-se de um seixo de xisto, de morfologia alongada e extremidades ovaladas, de tipo bastonado (Zingg, 1935), apresentando uma destas alguns lascamentos. Possui uma cor acinzentada e algumas manchas negras na extremidade não lascada que se podem relacionar com o contacto da peça com o fogo. Ainda nesta zona da peça foram encontrados vestígios de resina ou betume⁷ (Fig. 5B). A 2,91 cm desta extremidade, identificam-se, numa das faces (arbitrariamente considerada, para efeitos de descrição, como o anverso da peça), dois lascamentos alongados. As faces são *grosso modo* convexas e lisas, sendo apenas interrompidas pelos lascamentos referidos e por algumas fraturas naturais do reverso.

Proveniência: Sector I, Sondagem II, quad. R6, U. E. 6. Coordenadas PØ: 2,06 m, X: 1,67 (S), Y: 1,76 (O), Z: 1,57 m.

Dimensões: 174 mm x 43 mm x 18 mm.

*Anverso*⁸: Entre a extremidade não lascada e os lascamentos alongados situados abaixo observa-se uma grande concentração de traços incisivos muito finos, que se dispõem maioritariamente segundo uma direção perpendicular ao eixo maior da peça, observando-se ainda outros que, sobretudo ao centro, se dispõem paralelamente a esse eixo. Em menor quantidade, observam-se outros, paralelos aos bordos da peça.

Abaixo dos lascamentos identificam-se outras incisões, de várias espessuras e profundidades, por vezes isoladas, mas na maior parte das vezes formando grupos de traços paralelos entre si, com uma orienta-

7. A presença desta matéria orgânica amorfa (enriquecida em hidrogénio) foi confirmada através de fotomicrografias obtidas em luz azul incidente (fluorescência) num microscópio Leica DM4000, equipado com um sistema Diskus-Fossil, usando a objetiva de 50x em imersão em óleo. A luz azul foi obtida usando um LED e um filtro azul (BG12), assim como um filtro de paragem (K530) para eliminação da radiação refletida pelas partículas não fluorescentes. Estas análises foram realizadas pela Doutora Paula Gonçalves e pela Professora Doutora Deolinda Flores, do Departamento de Geociências, Ambiente e Ordenamento do Território da Universidade do Porto, por intermédio da Doutora Sílvia Aires (Morph/Octopetala; Instituto de Ciências da Terra da FLUP). A todas, o nosso mais vivo agradecimento.

8. Na descrição das peças as faces foram arbitrariamente definidas como anverso e reverso, sem que tal signifique a atribuição de uma maior importância àquele e menor para este.

ção dominante de -45° em relação ao eixo longitudinal (Fig. 5B). Contrariamente às incisões localizadas acima dos lascamentos, são poucas as incisões dispostas segundo o eixo maior da peça ou perpendiculares a este. Estas incisões são relativamente profundas com um perfil em U (Fig. 5A). Verifica-se ainda a existência de pequenos impactos de percussão dispostos aleatoriamente por toda esta face.

Reverso: Na extremidade não lascada da peça observa-se uma concentração de traços semelhante à descrita no anverso, correspondendo certamente, à continuidade do que aí se encontrava. Abaixo observam-se outros conjuntos de traços de espessura e profundidade diferenciada. A zona central desta face apresenta um vasto conjunto de longos traços subparalelos, orientados no sentido do eixo maior da peça, inexistente no anverso. Para além destes, identifica-se ainda um conjunto de traços com uma direção dominante de -45° em relação ao eixo longitudinal, semelhante ao verificado no anverso, incluindo igualmente alguns traços mais largos e profundos, com perfil em U. Verifica-se ainda a existência de alguns impactos em pequenos grupos, nomeadamente junto aos bordos da peça. Num desses bordos, identifica-se um outro pequeno lascamento, que acresce ao da extremidade.

Releve-se nesta peça a associação entre o conjunto de traços mais organizado na extremidade não lascada, a presença de uma mancha negra de resina ou betume e os dois lascamentos alongados de uma das faces da peça. Releve-se igualmente a variedade presente nos restantes conjuntos que pode indiciar a sua execução a tempos diferenciados.

Peça 2

Trata-se de um seixo de xisto alongado de morfologia laminar (Zingg, 1935) e secções subtrapezoidais, de cor castanho-acinzentada. Os lados onde se identificam as incisões e picotagens, que seguem os planos de xistosidade, são planos e lisos, embora num deles (arbitrariamente definido como reverso) se tenha verificado o destacamento de metade da sua superfície, igualmente seguindo a xistosidade.

Proveniência: Sector I, Sondagem II, quad. Q6, U. E. 6. Coordenadas PØ: 2,08 m, X: 0,37 (N), Y: 0,39 (E), Z: 1,87 m.

Dimensões: 170 mm x 62 mm x 20,3 mm.

Anverso: Neste lado, o que mais se destaca é a concentração de picotados existente junto de uma das extremidades da peça (Fig. 6A). Outros picotados

isolados identificam-se, ainda, concentrando-se sobretudo nos limites da superfície. Abaixo daquela concentração observam-se incisões relativamente curtas de espessura e profundidade diversa, isoladas ou agrupadas de forma paralela entre si (Fig. 6B). Orientam-se preferentemente de forma diagonal relativamente ao eixo maior da peça, e em particular de cima à esquerda, para baixo à direita. No centro da peça, a orientação dominante dos traços é acompanhada por um ligeiro polimento.

Reverso: Observa-se um par de incisões lineais dispostas de forma paralela ao eixo maior da peça, assim como um conjunto maior, disposto na mesma direção, onde se verifica a existência de um polimento (Fig. 6C), tal como verificado no anverso. Identifica-se ainda alguns picotados isolados, localizados sobretudo nos antípodas da concentração dos picotados do anverso. Observa-se ainda um ponto na zona central da superfície, junto ao limite do lascamento, que poderá ter sido a sua causa imediata (Fig. 6D).

Peça 3

Seixo de cor castanho-acinzentada, de morfologia laminar (Zingg, 1935) e secções subtrapezoidais. As faces são planas e lisas, encontrando-se as incisões em apenas uma delas.

Proveniência: Sector I, Sondagem II, quad. P4, U.E. 4. Coordenadas PØ: 1,6 m, X: 0,46, Y: 0,06, Z: 1,33 m.

Dimensões: 143 mm x 81 mm x 10,7 mm.

A maior parte das incisões dispõe-se de forma paralela aos lados da peça, parecendo configurar, no seu conjunto, uma composição reticulada (Fig. 7). Outras incisões não se enquadram, no entanto, neste padrão, destacando-se algumas que, pela sua localização junto dos bordos da peça, e dispondo-se de forma perpendicular a estes, são delimitadas por traços paralelos aos bordos, parecendo esboçar bandas laterais. Refira-se, por fim, a ocorrência de pequenos conjuntos de traços paralelos entre si e um outro de traços convergentes.

4.3. Propostas de interpretação

O conjunto apresentado caracteriza-se pela sua homogeneidade ao nível do suporte. Com distintos graus de rolamento, todos eles correspondem a seixos de xisto. Este facto resulta mais significativo quando o sítio de S. Cornélio se situa em ambiente granítico. Os primeiros candidatos a fonte desta matéria-prima seriam os cursos de água existentes no sopé do monte. No entanto, conjugando a rede

hidrológica do sítio, localizado no limite entre as bacias hidrográficas do Douro e Tejo, com a geologia da região, verifica-se que estes seixos não poderão ter provindo de qualquer dessas ribeiras, uma vez que nenhuma delas atravessa terrenos xistosos até chegar ao local, correndo exclusivamente dentro dos granitos das Beiras (Fig. 8). Os xistos do Complexo Xisto Grauváquico localizam-se para este e sul do povoado (Teixeira *et al.*, 1965), a uma distância de mais de 6 quilómetros em linha reta. Assim, os candidatos mais próximos para possível fonte desta matéria-prima serão o ribeiro da Azenha, a pouco mais de 6 km para sul, e o rio Côa, a cerca de 7 km para leste. Mais próximo geograficamente, o ribeiro da Azenha afasta-se em distância subjetiva, uma vez que o relevo da serra de Opa e o seu prolongamento para nordeste para o Alto do Lombo e Mosteiro dificulta a caminhada, que ultrapassa a hora e meia de duração (Fig. 8)⁹. Por outro lado, de acordo com a carta geológica (Teixeira *et al.*, 1965), este ribeiro atravessa apenas a unidade de xistos metamórficos e corneanos (Fig. 8). Uma vez que a natureza do xisto em questão apresenta um baixo grau de metamorfismo¹⁰, ele deverá ter origem na unidade de xistos e grauvaques, mais afastada dos granitos para sul e leste. Assim, conjugando tempo de percurso e geologia, a fonte mais provável para obtenção dos seixos aqui apresentados será o rio Côa, após atravessar os terrenos dos xistos e grauvaques, junto ao Sabugal, que, apesar de se encontrar a uma distância física superior à ribeira da Azenha, se acede com menor custo (abaixo de 1h30 min) (Fig. 8).

Assim, embora não se trate propriamente de uma matéria exótica, o custo de cerca de uma hora e meia de caminho a partir de S. Cornélio torna a obtenção desta matéria-prima numa atividade não meramente oportunista, conferindo-lhe algum relevo. Será igualmente de considerar que, a confirmar-se esta hipótese, a escolha do principal rio da região como fonte de recurso e não ribeiros subsidiários poderia ter algum significado.

Por outro lado, o facto de todos os seixos se encon-

trarem incisos, motivando aliás a sua publicação conjunta, poderia levar-nos a concluir também pela sua homogeneidade neste aspeto. Contudo, o mesmo tipo de vestígio material (traço gravado sobre seixo de xisto) é passível de resultar de ações de natureza distinta (diretas ou indiretas, propositadas ou fortuitas).

A clara organização reticulada das linhas gravadas na peça 3 leva-nos a concluir tratar-se de uma ação humana direta e planificada, cujo propósito seria uma produção gráfica. A natureza perfeitamente ortogonal e o espaçamento regular dos traços identificados parecem-nos conduzir a esta conclusão. As representações reticuladas são comuns durante a Idade do Ferro – em sintonia com a cronologia do contexto de achado – e, como paralelos mais próximos, podemos invocar as representações reticuladas ortogonais da arte rupestre da foz do Côa, que surgem de forma isolada (Foz do Côa 34, Moinhos de Cima 7, Quintas das Tulhas 6, Vale de José Esteves 18) ou associados a figuras animais (Azenha 3) e humanas (Vermelhosa 3) (Luís, 2022). Para além destas, refira-se ainda a existência de retículas em ângulo oblíquo (Foz do Côa 181, Penascosa 14 e 20, Ribeira de Urros 1), ou até conjugando as duas direções (Vale da Casa 20, Vale de José Esteves 18). A carecerem de estudo pormenorizado, os reticulados são dos signos estruturados mais comuns na arte rupestre da Idade do Ferro no Côa, seguindo-se os motivos circulares.

A arte da Idade do Ferro do Vale do Côa foi identificada pela primeira vez na região em 1982, no sítio do Vale da Casa, ou da Cerva, localizado na margem esquerda do rio Douro (Baptista, 1983, 1984 e 1986, Luís, 2022). Em termos técnicos, ela limita-se quase exclusivamente à incisão filiforme (Luís, 2009, p. 216 e Luís, 2016, p. 62). Estes traços apresentam-se, ainda hoje, na generalidade claros, por oposição aos traços das figuras paleolíticas, fortemente patinados. As representações possuem uma estreita vinculação com a água, localizando-se sobretudo ao longo do Rio Côa e Douro, e na sua confluência. Por outro, ao nível da implantação topográfica, situam-se, em traços fluviais periodicamente inundados ou nas encostas sobranceiras aos rios, especialmente ao longo das canadas, por onde correm as águas das chuvas desde os planaltos até aos rios (Luís, 2009, p. 216).

Ao nível do suporte, com a exceção do Vale da Casa, todas as gravuras do Vale do Côa se inscrevem nos típicos painéis verticais regionais, formados pelas diáclases do xisto.

9. Recorremos à função de caminhada de Waldo Tobler (1993), que faz depender o tempo de caminho da orografia e da direção do percurso, aplicada num Sistema de Informação Geográfica através da metodologia descrita em Aubry *et al.* 2012.

10. Agradecemos esta informação à Doutora Sílvia Aires, fundamentada numa análise macroscópica.

Contudo, afastando-se da representação da peça 3 de S. Cornélio, os motivos fundamentais desta arte são os antropomorfos, zoomorfos e as armas, sobretudo cavalos isolados, ou montados por guerreiros, não apresentando sela, mas apenas os arreios (Luís, 2022). Desenhados de forma algo tosca, distingue-se estilisticamente um conjunto de cavalos com os quartos traseiros perspectivados em posição torcida e em forma de ferradura (Baptista, 1984, p. 64).

Pelo tipo de suporte, a peça 3 de S. Cornélio apresenta fortes ligações com a arte do Vale do Sabor, em particular com arte móvel do Castelhinho (Torre de Moncorvo) e Crestelos (Mogadouro), onde foram encontradas por volta de 500 e 100 placas gravadas, prospectivamente (Luís, 2016, p. 62 e Silva, 2020, pp. 39 e 45).

No caso do sítio fortificado do Castelhinho, atualmente submerso pela albufeira da barragem do Baixo Sabor, identificou-se um total de 521 lajes de xisto gravadas mais um afloramento de xisto ao ar livre com motivos figurados. Apesar de se localizar a escassos metros do rio Sabor, não se identificou qualquer seixo gravado (Silva, 2020, p. 39).

De dimensões variáveis, as peças do Castelhinho apresentam geralmente maiores que as de S. Cornélio e encontram-se maioritariamente gravadas numa só face (Silva, 2020, p. 40). Exemplo disso é a placa 149/001/A (Silva, 2020), também conhecida por laje 1 do Castelhinho (Santos *et al.*, 2016), cuja face gravada se encontra coberta por um grande reticulado, que, precedida por impactos picotados, inaugurou o processo de gravação figurativa da peça. A ele sobre põe-se um interessante conjunto de representações figurativas, tais como guerreiros apeados, cavalos, cavaleiros e um javali (Santos *et al.*, 2016, Silva, 2020, pp. 60-62), que apresentam grandes semelhanças estilísticas com a arte Vale do Côa. O mesmo padrão foi identificado na laje 149/321/A do Castelhinho, onde a dois reticulados se seguiu a gravação de um grande cavaleiro e um cervídeo (Silva, 2020, pp. 65-67).

A arte móvel de Crestelos apresenta grandes semelhanças com a do Castelhinho, ao nível da natureza dos suporte e tipo de representações. Refira-se aqui a placa (1652/5531/A), onde um reticulado inaugura as representações gráficas, seguindo-se uma fase figurativa com dois cavaleiros e um canídeo (Silva *et al.*, 2016, fig. 4, Silva, 2020, pp. 70-72).

Ao contrário da peça 3, não se nos afigura que as incisões das peças 1 e 2 tenham uma natureza eminentemente gráfica. As linhas gravadas e os picotados

da peça 2 parecem-nos ser o resultado indireto e não planificado da ação humana. A elevada concentração de picotados numa das extremidades da peça é compatível com a sua utilização repetida enquanto percutor. Outros impactos mais isolados, localizados sobretudo junto aos bordos, poderão resultar de percussões não tão reiteradas. Para além desta utilização como elemento ativo, o seu uso como bigorna parece-nos igualmente provável, sobretudo no caso do impacto isolado identificado no centro do anverso, que terá inclusivamente provocado a fratura e lascamento de metade da sua superfície polida, seguindo o plano mais frágil da xistosidade. O alinhamento dos traços incisivos, diagonais ao eixo principal da peça no anverso, ou no sentido desse eixo no reverso, associados a zonas de polimento, parecem-nos passíveis de serem interpretados como o resultado de ações de polimento de um ou mais objetos.

Finalmente, a peça 1 é a que apresenta uma maior complexidade, dada a natureza díspar de incisões e, particularmente, a associação de algumas delas a matéria orgânica. Tal como na peça 3, a organização regular e ortogonal das incisões indica uma atividade planeada e direta. Contudo, um propósito gráfico é descartado pela sua associação a betume ou resina. Esta associação indica estarmos perante uma área de encabamento, justificando-se a presença dos traços como uma ação de criação de maior atrito numa superfície polida naturalmente, por forma a facilitar a adesão do cabo à peça por meio de uma cola. Assim, esta área não lascada corresponderá à zona proximal deste utensílio. Os levantamentos existentes na extremidade distal e num dos bordos, bem como os pequenos impactos existentes em ambas as faces, justificar-se-ão pelo uso deste utensílio em tarefas de percussão. Mais difíceis de compreender serão os dois levantamentos no anverso, na área após a zona de encabamento, não se identificando sequer qualquer ponto de impacto. Uma possibilidade interpretativa seria eles resultarem de uma força exercida pelo cabo sobre o seixo, durante a sua utilização. Os traços incisivos subparalelos diagonais (mais curtos) ou no sentido do eixo longitudinal (mais longos), em ambas as faces, são o resultado indireto e não propositado de uma atividade reiterada sobre a peça, através de movimentos de vaivém. A distinta natureza dessas incisões faz pensar em atividades de fricção, raspagem ou polimento nas quais estiveram envolvidos materiais diferentes. A maior largura de alguns traços e o seu perfil em U no reverso poderá resultar

daquela ter sido executada com materiais metálicos, tal como já atestado experimentalmente (Aubry e Sampaio, 2012).

5. NOTA FINAL

Os seixos de xisto de S. Cornélio constituem um interessante conjunto de materiais arqueológicos que, pela sua singeleza, raramente chegam às exposições dos museus. Geralmente pouco estudados e sem a espetacularidade de outros tipos, eles oferecem-nos, contudo, um vislumbre sobre a multiplicidade das atividades realizadas no sítio, durante a Idade do Ferro. Neste caso, a sua importância é reforçada por uma segura contextualização arqueológica e cronológica.

Pela própria natureza da sua matéria-prima, estas peças contribuem para a definição de um possível território de exploração, que ligará S. Cornélio, instalado num imponente relevo granítico, aos cursos de água que atravessam os ambientes xistosos, nomeadamente o rio Côa, no seu curso inicial.

Também as incisões que apresentam parecem indicar uma unidade nestes materiais. Contudo, como procurámos demonstrar, o facto de três dos quatro seixos de xisto identificados apresentarem linhas incisas não significa que estejamos perante três exemplares de “arte móvel”, realizados com propósitos gráficos ou simbólicos. Pela natureza e organização das suas incisões, consideramos que apenas a peça 3 se enquadra neste tipo de achado arqueológico. Pela primeira vez assinalado no Alto Côa, este tipo de peça vem assim juntar-se ao crescente número de representações da Idade do Ferro sobre suportes móveis, com particular importância no Vale do Sabor, mas também no Côa, alargando-se ao limite ocidental da Meseta ibérica (Luís, 2021, pp. 105-107) e a toda a Península (Silva, 2020, pp. 19-23). A natureza reticulada da representação reforça a importância dos motivos geométricos nesta arte.

Já as linhas incisas das peças 1 e 2 não parecem ter sido resultado de qualquer intuito gráfico, mas antes de ações preparatórias (encabamento) e uso posterior em atividades relacionadas com a percussão, raspagem e polimento.

Assim, os seixos incisos de S. Cornélio reafirmam que o mesmo tipo de vestígios poderá resultar de ações de natureza distinta. Futuros trabalhos de análise traçológica e experimental poderão vir a precisar essas ações. Por outro lado, e de um ponto de vista focado

nas dinâmicas vivenciais do povoado e organização microespacial das estruturas a que as peças se associavam, distribuídas na sua zona central, o estudo minucioso dos seixos veio valorizar a própria compreensão do espaço de ocupação escavado. E, embora não tenha sido incluído neste trabalho, não será displicente lembrar a existência de um quarto seixo sem incisões proveniente do mesmo complexo de estruturas (encontrado junto da peça 2), sublinhando a importância que esta categoria de material terá tipo para as comunidades do monte de S. Cornélio.

A publicação destes materiais tem por objetivo fundamental dá-los a conhecer, na expectativa de que outros, de tipo semelhante, venham a ser publicados, alargando assim o nosso conhecimento das atividades humanas que deram origem ao registo arqueológico.

BIBLIOGRAFIA

AUBRY, Thierry; SAMPAIO, Jorge D. (2012) – Novos dados para a abordagem técnica da arte rupestre e móvel do Vale do Côa. In SANCHES, Maria de Jesus, ed. – *Atas da 1ª Mesa-Redonda: Artes Rupestres da Pré-História e da Proto-História: Paradigmas e Metodologias de Registo*. Lisboa: DGPC (Trabalhos de Arqueologia; 54), pp. 185-206.

AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís; MANGADO LLACH, Javier; MATIAS, Henrique (2012) – We will be known by the tracks we leave behind: Exotic lithic raw materials, mobility and social networking among the Côa Valley foragers (Portugal). *Journal of Anthropological Archaeology*, 31(4), pp. 528-550.

BAPTISTA, António Martinho (1983) – O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa). *Arqueologia*, 8, pp. 57-69.

BAPTISTA, António Martinho (1984) – Arte rupestre do norte de Portugal: Uma perspectiva. *Portugália*, Nova série, 4-5 (Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste, Novembro de 1983), pp. 71-82.

BAPTISTA, António Martinho (1986) – Arte rupestre pós-glaciária: Esquematismo e abstracção. In ALARCÃO, Jorge de (ed.), *História da Arte em Portugal*. Vol. 1, pp. 31-55). Lisboa: Editorial Alfa.

LUÍS, Luís (2009) – “Per petras et per signos”: A arte rupestre do Vale do Côa enquanto construtora do espaço na Proto-história. In SANABRIA MARCOS, Primitivo Javier, ed. – *Lusitanos y vettones: Los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa – Alto Alentejo*. Cáceres: Junta de Extremadura/Museo de Cáceres (Memorias; 99), pp. 213-240.

LUÍS, Luís (2016) – As gravuras da Idade do Ferro no Vale do Coa. *Vaccea*, 9, pp. 60-70.

LUÍS, Luís (2021) – No limiar: Diferentes escalas de análise

da arte da Idade do Ferro no limite ocidental da Meseta. *Iberografias: Revista de Estudos Ibéricos*, 17, pp. 95-116.

LUÍS, Luís (2022) – Primeiro inventário figurativo da arte rupestre da Idade do Ferro entre o Côa e o Douro. In CORREIA, Dalila; SANTOS, André (eds.) – *Por este rio acima: A arte pré e proto-histórica do Vale do Côa: Estudos em homenagem a António Fernando Barbosa*. Vila Nova de Foz Côa: Côa Parque, Fundação para a Salvaguarda e Valorização do Vale do Côa, pp. 181-265.

OSÓRIO, Marcos (2005) – Contributos para o estudo do I milénio a.C. no Alto Côa. In *Lusitanos e Romanos no nordeste da Lusitânia: Actas das II Jornadas do Património da Beira Interior*. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, pp. 35-65.

OSÓRIO, Marcos (2009) – A Idade do Ferro no Alto Côa: os dados e as problemáticas. In SANABRIA MARCOS, Primitivo Javier, ed. – *Lusitanos y vettones. Los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa – Alto Alentejo – Cáceres* (Memorias; 9). Cáceres: Junta de Extremadura/Museo de Cáceres (Memorias; 99), pp. 95-115.

OSÓRIO, Marcos (2021) – Fronteiras auditivas, visuais e locomotoras na definição dos territórios das sociedades do I milénio a.C. Um caso de estudo no Alto Côa. *Iberografias*, 17, pp. 69-94.

OSÓRIO, Marcos; VILAÇA, Raquel; SALGADO, Telmo (2015) – Muralhas proto-históricas no Alto Côa (Portugal): análise com ferramentas SIG e 3D. In RODRÍGUEZ MONTERUBIO, O.; PORTILLA CASADO, R.; SASTRE BLANCO, J.; FUENTES MELGAR, E P. – *Fortificaciones en la Edad del Hierro: Control de los recursos y el territorio*. Glyphos Publicaciones, pp. 307-323.

RIBEIRO, Orlando (1949) – A Cova da Beira. Controvérsia de Geomorfologia. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 30, pp. 23-41.

SANTOS, Filipe João C.; PINHEIRO, Eulália; ROCHA, Fábio; SASTRE, Jose, (2016) – O sítio e a Laje 1 do Castelhinho (Cilhades, Felgar, Torre de Moncorvo): Contributos para o conhecimento da II Idade do Ferro em Trás-os-Montes oriental. In: SANCHES, Maria de Jesus; CRUZ, Domingos J., eds. – *Actas Da II Mesa-Redonda. Artes Rupestres da Pré-História e da Proto-História. Estudo, Conservação e Musealização de Maciços Rochosos e Monumentos Funerários (Porto, Faculdade de Letras, 10, 11 e 12 de Novembro de 2011)*. Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira (Estudos Pré-históricos; 18), pp. 203-214.

SILVA, Andreia Maria Barros (2020) – *Representações antropomórficas na arte móvel da Proto-história do Vale do Sabor (Trás-os-Montes Oriental)* [Tese de Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho].

SILVA, Andreia; XAVIER, Pedro; FIGUEIREDO, Sofia Soares de (2016) – As gravuras rupestres de Crestelos (Trás-os-Montes, Portugal) e a sua longa diacronia desde a Idade do Ferro ao período contemporâneo. In CORDEIRO MACENLLE, R., VÁZQUEZ MARTÍNEZ, A., eds. – *Estudo de Arqueo-*

loxia, Prehistoria e Historia Antiga: achegas dos novos investigadores. Santiago de Compostela: Andavira Editora, pp. 63-81.

TEIXEIRA, Carlos; MARTINS, J. Ávila; MEDEIROS, Artur Cândido; MESQUITA, L. Pinto; PERES, A. Martins; PILAR, Ludgero; FERNANDES, Amílcar Peinador (1965) – *Carta Geológica de Portugal. Notícia explicativa da folha 21-A, 1/ 50 000, (Sabugal)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

TOBLER, Waldo (1993) – *Three Presentations on Geographical Analysis and Modeling (Technical Report 93-1)*. Santa Bárbara: National Center for Geographic Informations and Analysis.

VILAÇA, Raquel (1995) – *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Trabalhos de Arqueologia; 9).

ZINGG, Theodor (1935) – *Beitrag zur Schotteranalyse*. Zürique: Leemann.

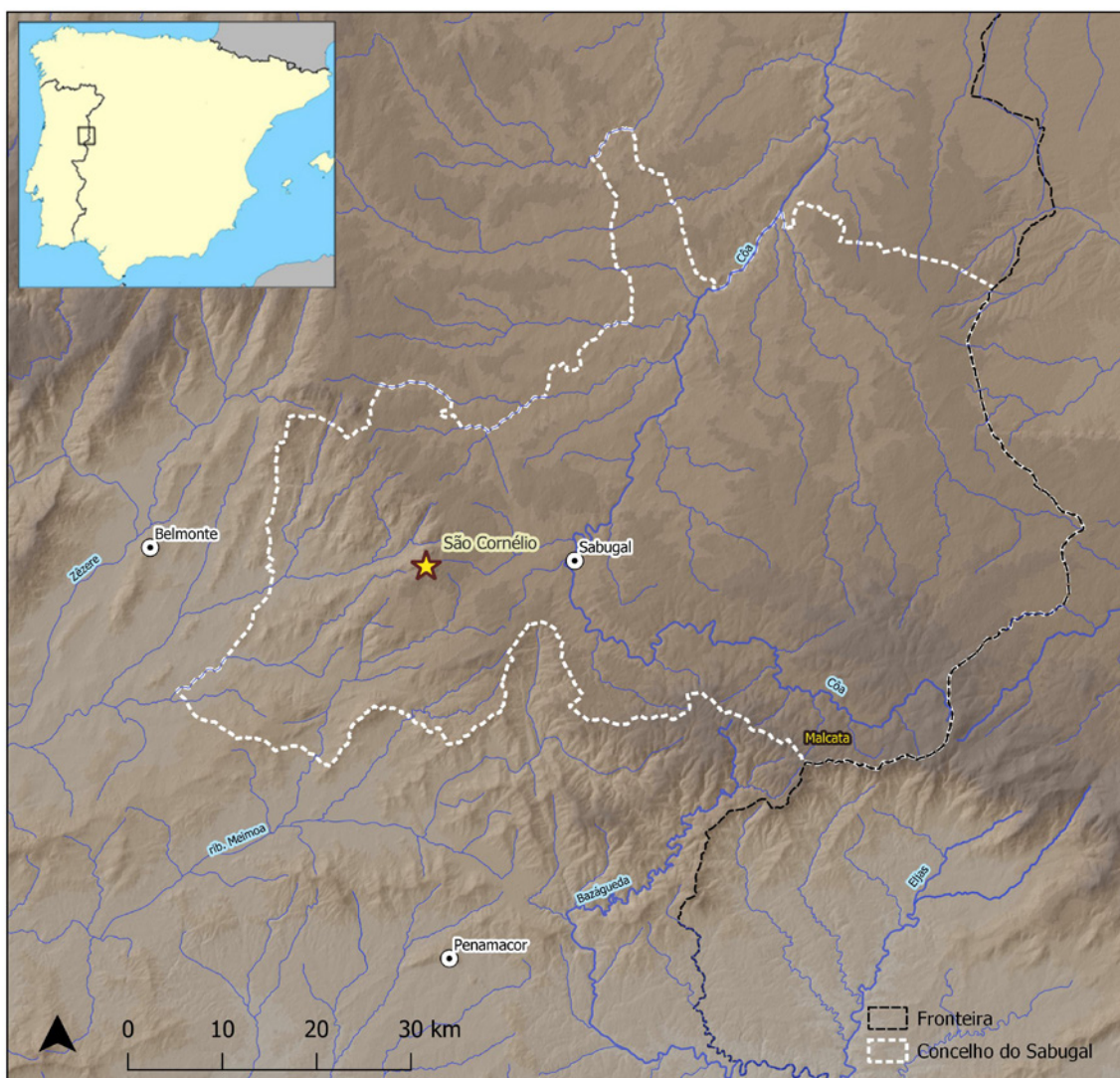


Figura 1 – Localização geográfica do sítio de S. Cornélio, no contexto do Alto Cão.

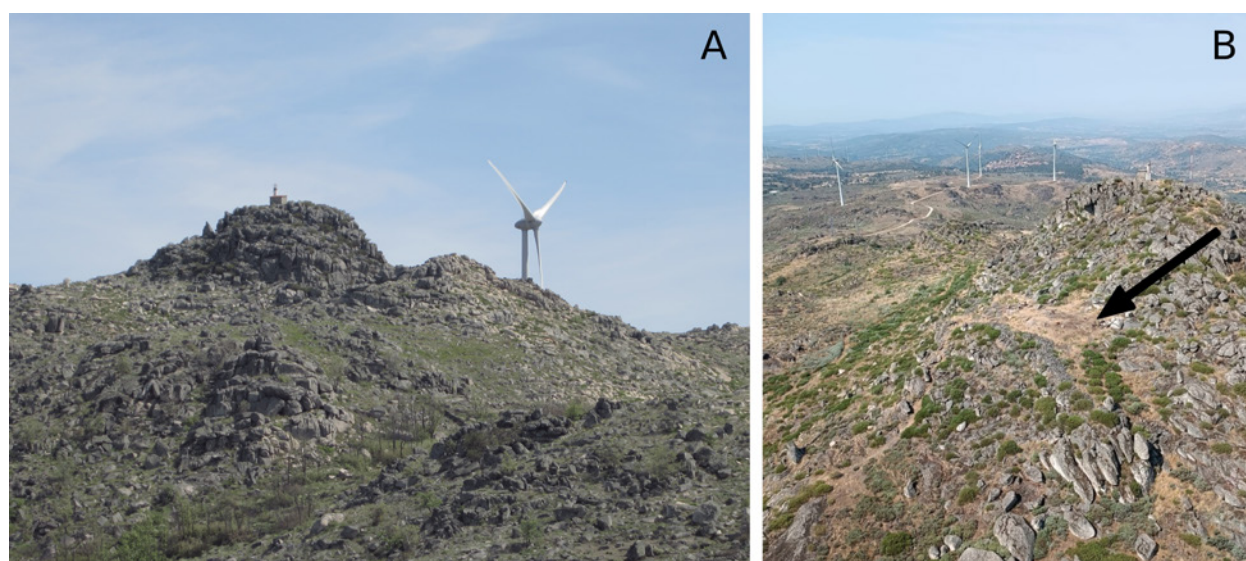


Figura 2 – Cume do monte de S. Cornélio (A) e socalco delimitado pela segunda linha de muralhas, onde se localiza o sector I (B).

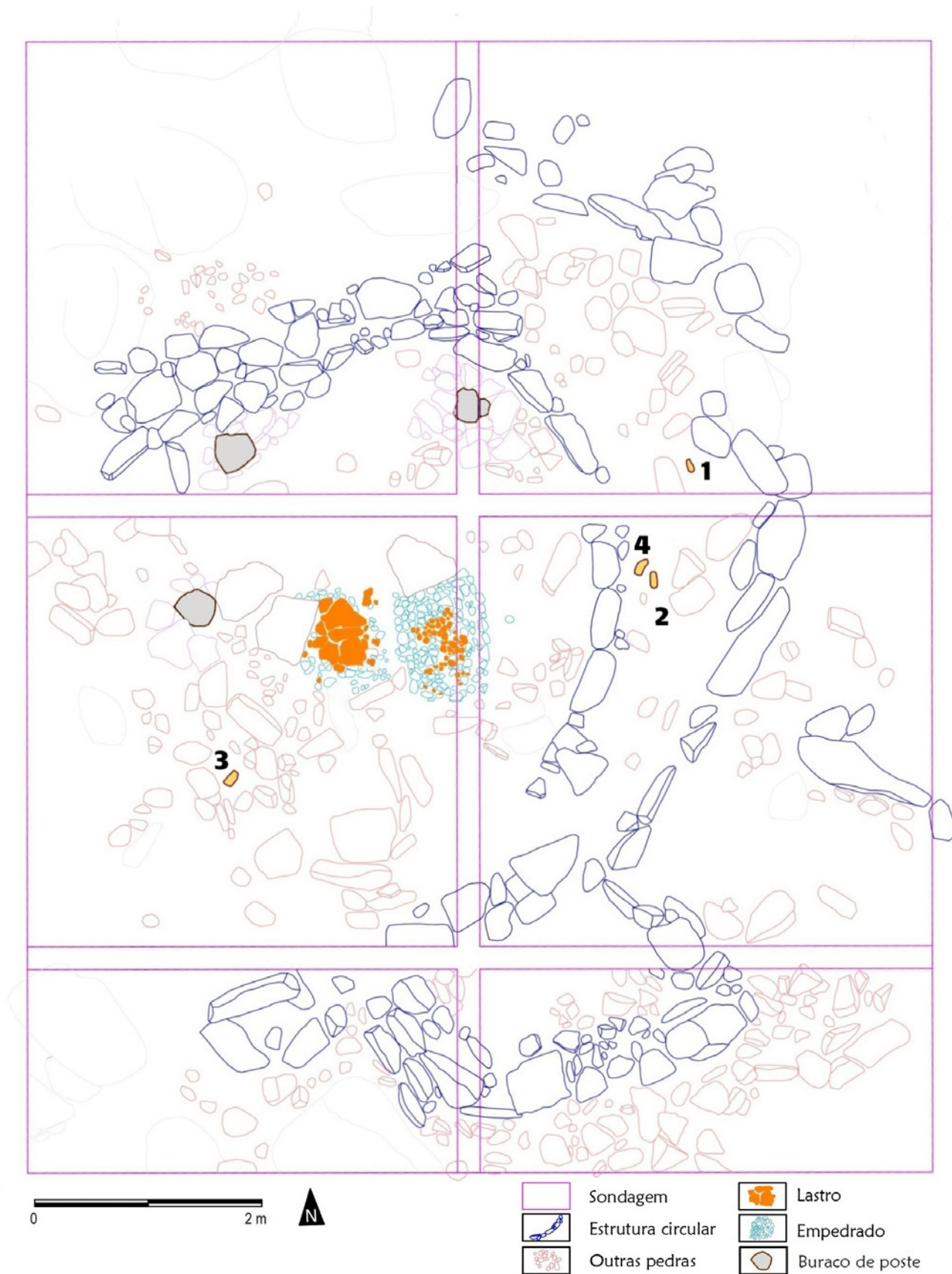


Figura 3 – Planta da estrutura 2 (sondagem 2), com localização dos locais de achado dos seixos.



Figura 4 - Localização das peças 3 (A) e 2 e 4 (B) no momento da sua identificação.

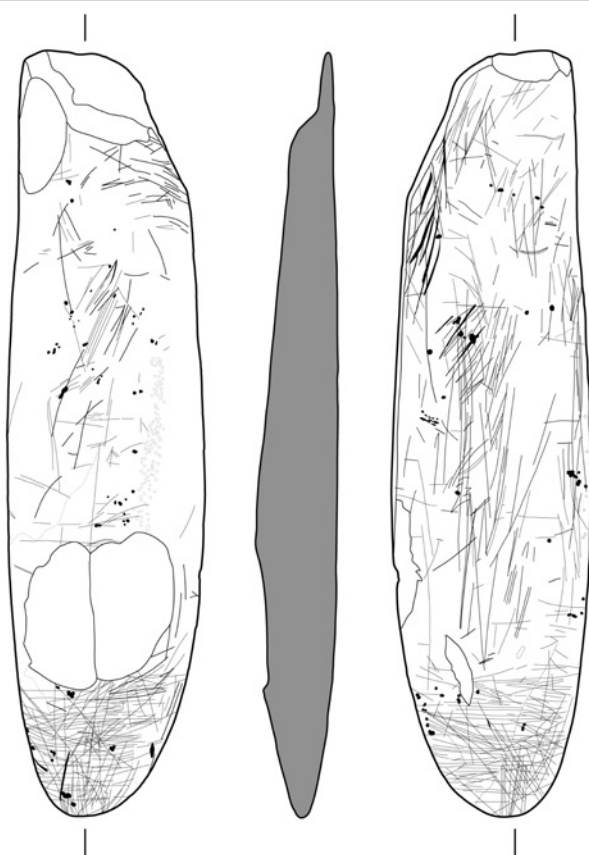
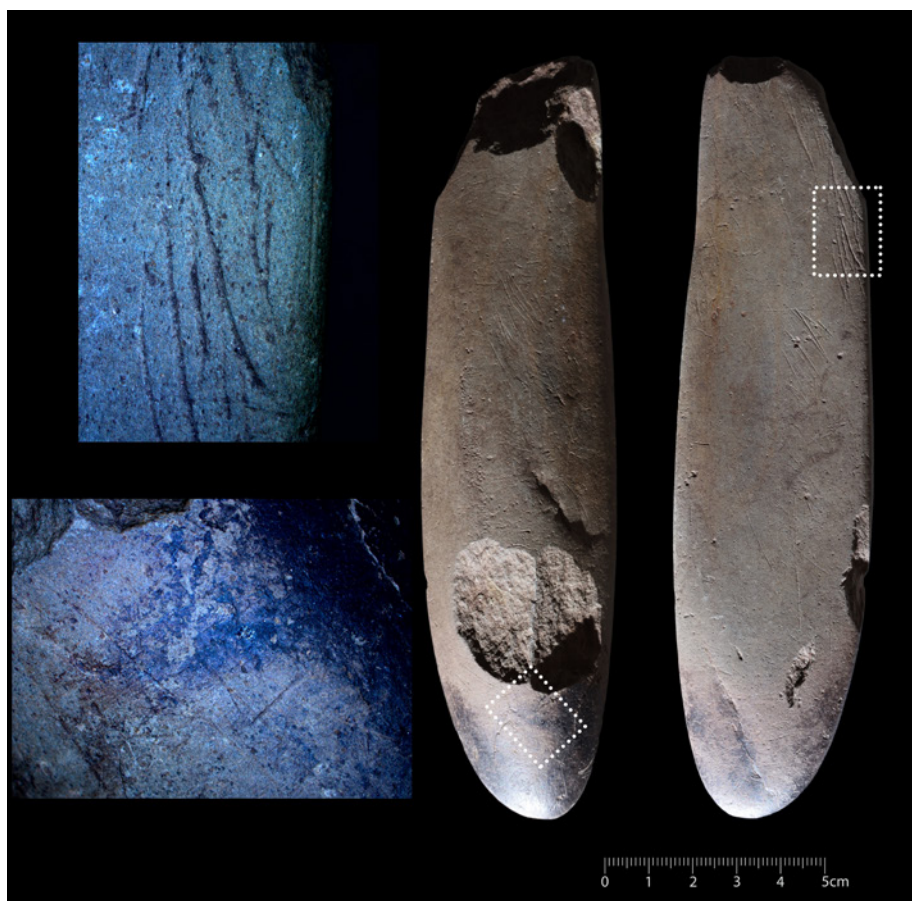


Figura 5 – Desenho e foto da peça 1, com detalhes de utilização de objeto metálico (A) e matéria orgânica e utilizada no encabamento (B).

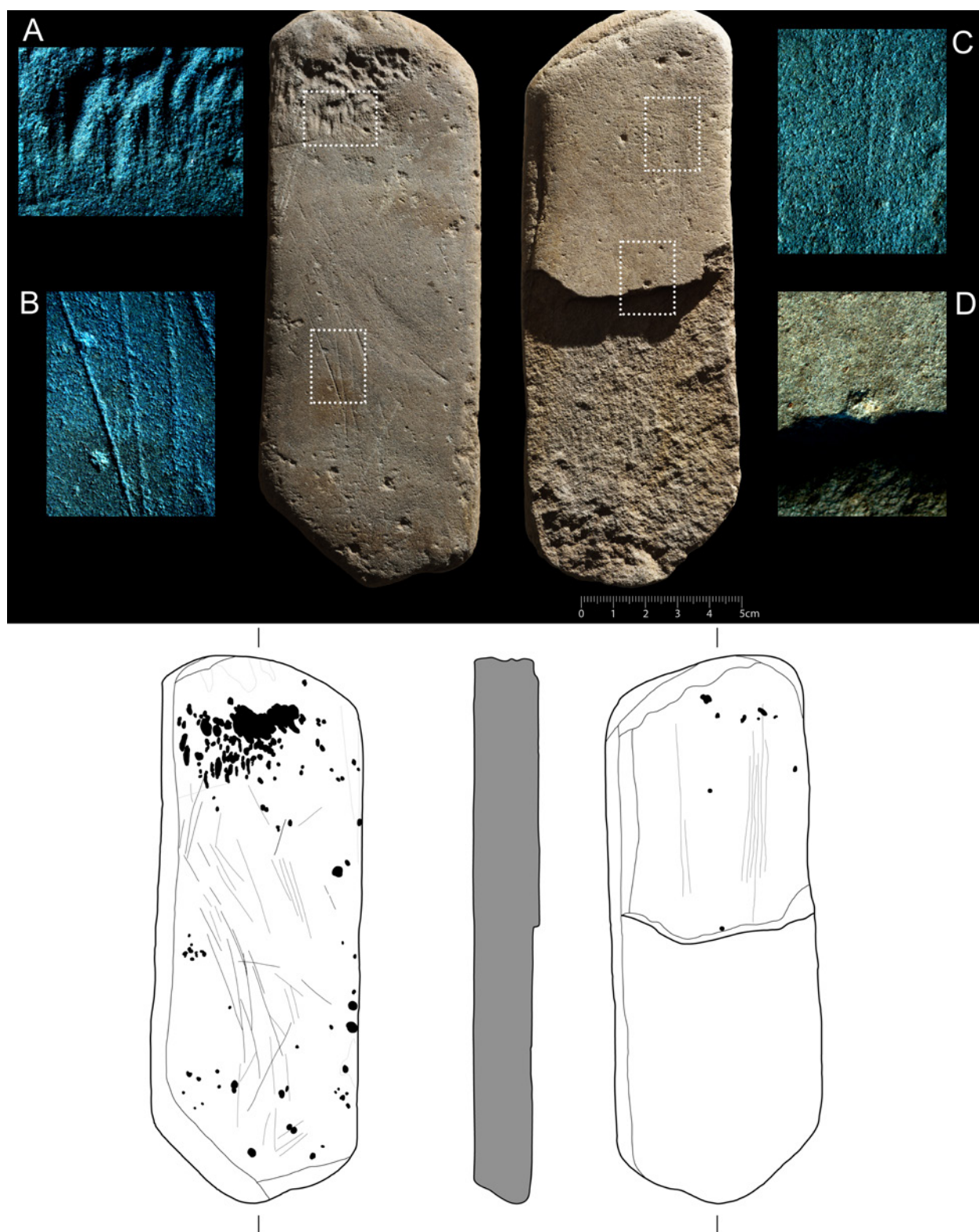


Figura 6 – Desenho e foto da peça 2 com detalhes da sua utilização enquanto percutor (A), diferentes profundidades do traçado (B), área de polimento (C), e utilização enquanto bigorna, que terá originado o seu lascamento (D).

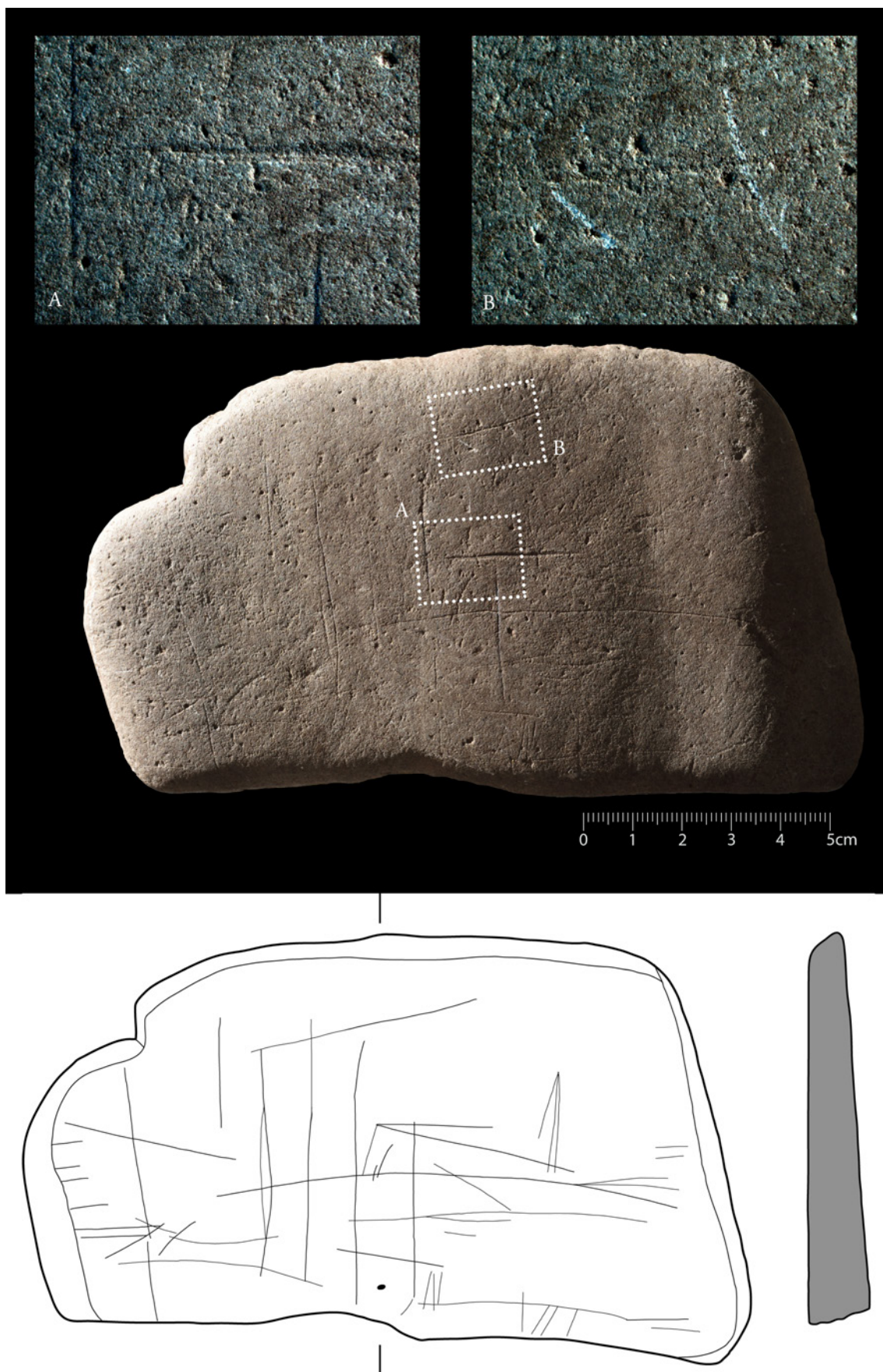


Figura 7 - Desenho e foto da peça 3, com dois detalhes das suas incisões, incluindo um traçado duplo por ação do instrumento de gravação (A).

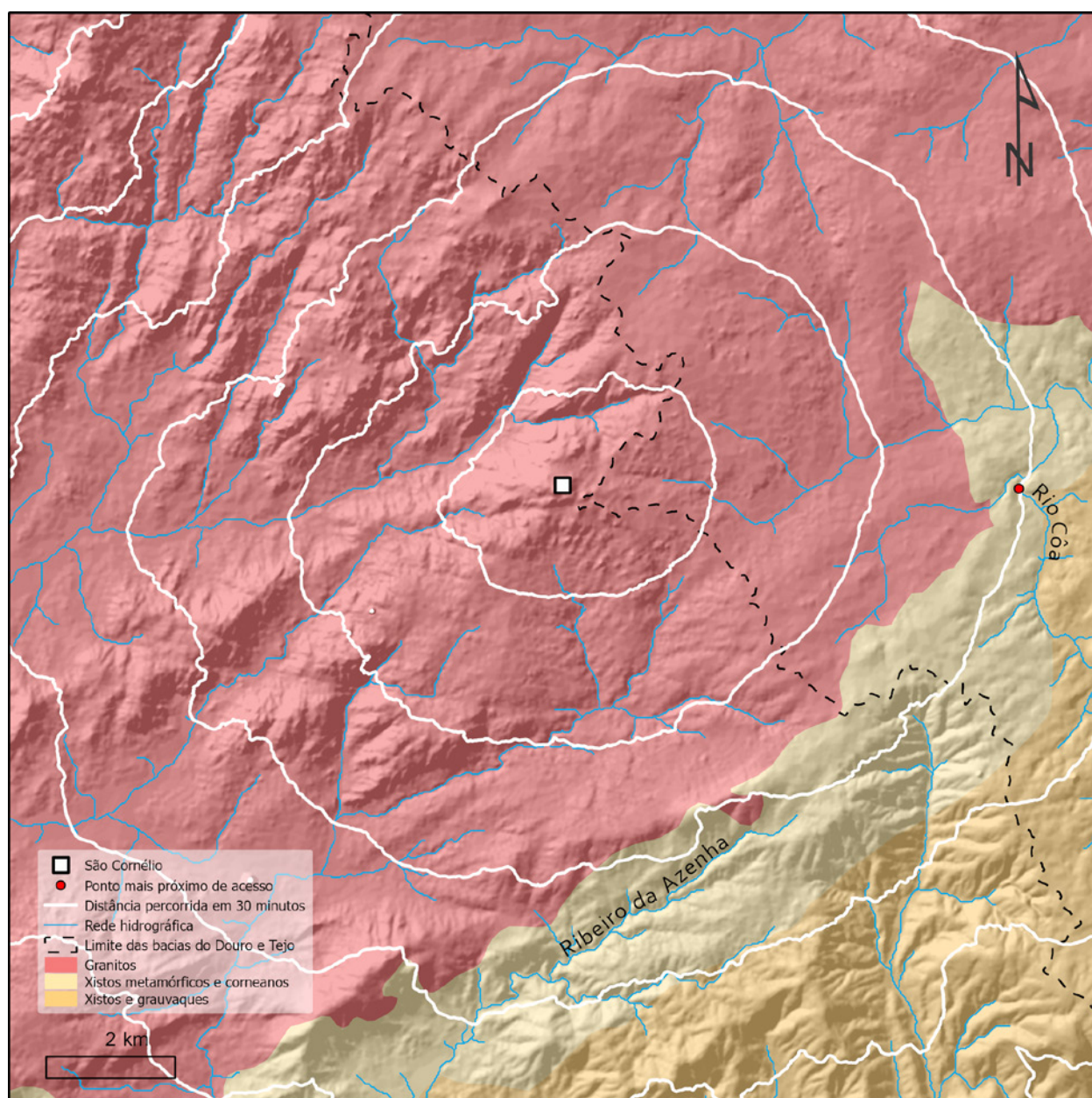


Figura 8 – S. Cornélio no seu contexto geológico e a sua relação com possíveis fontes de exploração da matéria-prima (para a definição dos tempos de percurso a partir do povoado ver nota 3).



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO
DIREÇÃO: INEQUILIDADE DE LETRAS - UE
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

Coimbra

 **seminário
maior de coimbra**